



***Direito em Movimento:
Saberes Transformadores da
Sociedade Contemporânea***

3

***Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)***

Atena
Editora

Ano 2020



***Direito em Movimento:
Saberes Transformadores da
Sociedade Contemporânea***

3

***Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)***

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Direito em movimento: saberes transformadores
da sociedade contemporânea**

3

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D598 Direito em movimento [recurso eletrônico] : saberes transformadores da sociedade contemporânea 3 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-275-3

DOI 10.22533/at.ed.753201008

1. Sociologia jurídica. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Série.

CDD 340.115

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Coletânea de vinte e dois capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, discute temáticas que circundam a grande área do Direito e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber e com as múltiplas ações e reações da sociedade que se exercita por transformações.

Assim, nesse segundo volume, temos dois grandes grupos de reflexões que explicitam as mutações sociais diárias e que o Direito estabelece relações para um regular convívio entre sujeitos.

Em cinco singelas divisões estão debates que circundam o mundo do trabalho, os desafios de um mundo em rede, a governança pública, o debate dos animais não humanos, além do direito e da realidade internacional.

De início, o mundo do trabalho nos traz análises interessantes como as sobre benefício da justiça gratuita e honorários, assédio moral e sexual, a figura do empregado hipersuficiente, a realidade do teletrabalho, trabalho decente para a mulher transexual e para a travesti. Centrais sindicais e experiência na justiça do trabalho do Município de Marabá também estão aqui contempladas.

Em governança pública, são encontradas questões como controle judicial dos atos da administração, a imprescritibilidade do direito ao ressarcimento devido a dano advindo de atos de improbidade, além de contratação pública na realidade espanhola.

No debate dos animais não humanos, aqui é contemplada a personalização jurídica no contexto brasileiro, bem como a senciência ancorada na condição de sujeito de direito.

Por fim, o direito e a realidade internacional atingem os sujeitos do direito internacional público, a ecologia dos saberes e o comércio.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BENEFÍCIO DA JUSTIÇA GRATUITA QUANTO AOS HONORÁRIOS PERICIAIS NO PROCESSO DO TRABALHO SOB A ÓTICA DA CRFB/88	
Pedro Henrique Freire Vazatta Larissa Magalhães de Carvalho Sandra Ávila dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7532010081	
CAPÍTULO 2	17
ASSÉDIO MORAL & SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO	
Helder Arlindo Soldatti Ana Júlia de Araújo Costa Soldatti Adalberto Zorzo	
DOI 10.22533/at.ed.7532010082	
CAPÍTULO 3	27
HIGH COST OF ORGANIZATIONAL MORAL HARASSMENT FOR COMPANIES WHO PRACTICE IT	
Marlene Valerio Dos Santos Arenas Miguel Angel Arenas Rubio Filho Diego Alexis dos Santos Arenas Rosália Maria Passos da Silva Miguel Angel Arenas Rubio	
DOI 10.22533/at.ed.7532010083	
CAPÍTULO 4	42
O EMPREGADO HIPERSUFICIENTE: UMA NOVA CATEGORIA SOB O PRISMA COLETIVO E A ARBITRAGEM COMO SOLUÇÃO DE CONFLITOS NESSAS RELAÇÕES	
Ricardo Nogueira Monnazzi Felipe Freitas de Araújo Alves Maria Cristina Vidotte Blanco Tarrega	
DOI 10.22533/at.ed.7532010084	
CAPÍTULO 5	60
O ISOLAMENTO DO TELETRABALHADOR NA SOCIEDADE: UMA REFLEXÃO SOB A ÓTICA DOS DIREITOS HUMANOS	
Luciana Lara Sena Lima Rafael Lara Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7532010085	
CAPÍTULO 6	69
A GARANTIA DO TRABALHO DECENTE PARA A MULHER TRANSEXUAL E PARA TRAVESTI, À LUZ DA PROTEÇÃO SOCIAL DO TRABALHO	
Simone Florindo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7532010086	
CAPÍTULO 7	82
AS CENTRAIS SINDICAIS BRASILEIRAS E SEU FINANCIAMENTO À LUZ DAS INOVAÇÕES DA LEI Nº 11.648/2008 E DA LEI Nº 13.467/2017: UMA RELEITURA DE T.H. MARSHALL A PARTIR DA PROPOSIÇÃO DE UMA CIDADANIA SINDICAL	
Felipe Oswaldo Guerreiro Moreira Anne Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.7532010087	

CAPÍTULO 8	94
EXPERIÊNCIA EXITOSA: MEDIDA HETEROGÊNEA DA JUSTIÇA DO TRABALHO EM PROL DOS SERVIDORES DA SAÚDE DO MUNICÍPIO DE MARABÁ EM 2016	
Mauricia Macedo Ramalho Rafael Oliveira Chaves Marcus Vinicius Henrique Brito	
DOI 10.22533/at.ed.7532010088	
CAPÍTULO 9	109
DESAFIOS E RISCOS DE ORDEM COSMOPOLITA PARA UM APROFUNDAMENTO DEMOCRÁTICO: A INTERNET COMO BEM COMUM NA SOCIEDADE EM REDE	
Guilherme Pittaluga Hoffmeister Roger de Moraes de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.7532010089	
CAPÍTULO 10	122
AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES NA ERA DOS PERFIS DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: DESAFIO FAVORÁVEL OU DESFAVORÁVEL AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO	
Ronny Max Machado Paulo Victor Alfeo Reis	
DOI 10.22533/at.ed.75320100810	
CAPÍTULO 11	138
PERSPECTIVAS E APLICABILIDADES DO <i>HABEAS DATA</i> NA INTERNET	
Caio Graco Brasileiro Anna Christina Freire Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.75320100811	
CAPÍTULO 12	150
OS CAMINHOS PROTETIVOS NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: A JUDICIALIZAÇÃO DA PROTEÇÃO DE DADOS E O PAPEL DA ÉTICA NA INTERNET	
Osmar Fernando Gonçalves Barreto Ronny Max Machado	
DOI 10.22533/at.ed.75320100812	
CAPÍTULO 13	167
A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE DIREITO DE AUTOR E OS DESAFIOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS	
Marcos Henrique Costa Leroy Fernanda Amaral Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.75320100813	
CAPÍTULO 14	180
BULLYING E CIBERBULLYING: A INTIMIDAÇÃO SISTEMÁTICA NO ÂMBITO ESCOLAR	
Catharina de Mello Candido Halan Cunha Rios	
DOI 10.22533/at.ed.75320100814	
CAPÍTULO 15	186
SOCIEDADE CIVIL E AS NOVAS PERSPECTIVAS INSTITUCIONAIS DEMOCRÁTICAS: BREVES APONTAMENTOS SOBRE A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE NA SEGURANÇA PÚBLICA	
Ronald Jean de Oliveira Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.75320100815	

CAPÍTULO 16	196
A IMPRESCRITIBILIDADE DO DIREITO AO RESSARCIMENTO POR DANOS DECORRENTES DE CONDUTAS ÍMPROBAS	
Luiz Egon Richter	
DOI 10.22533/at.ed.75320100816	
CAPÍTULO 17	216
LA PROVISIÓN DE SERVICIOS DE ATENCIÓN A LAS PERSONAS EN EL ESTADO ESPAÑO EN EL MARCO DEL DERECHO EUROPEO DE LA CONTRATACIÓN PÚBLICA	
Josep Ramon	
DOI 10.22533/at.ed.75320100817	
CAPÍTULO 18	232
PERSONALIZAÇÃO JURÍDICA DE ANIMAIS NO BRASIL	
Fernanda de Siqueira Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.75320100818	
CAPÍTULO 19	249
O CRITÉRIO DE SENCIÊNCIA DOS ANIMAIS HUMANOS E NÃO HUMANOS E SUA CONDIÇÃO COMO “SUJEITO DE DIREITO”	
Robson Oliveira Costa Domingos	
Edivania Lazzari Domingos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.75320100819	
CAPÍTULO 20	256
SUJEITOS DE DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO	
Ana Gabriela Carneiro Franco	
Jennainy Alves Pereira Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.75320100820	
CAPÍTULO 21	262
DA ORDEM DO DISCURSO À ECOLOGIA DE SABERES: HERMENÊUTICAS E COSMOPOLITISMOS PARA AS TWAIL	
Guilherme Pittaluga Hoffmeister	
Roger de Moraes de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.75320100821	
CAPÍTULO 22	275
O COMÉRCIO, COMO ELEMENTO DA PROPOSTA KANTIANA, FAVORECENDO A PAZ PERPÉTUA NA SOCIEDADE INTERNACIONAL	
Angélica Godinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.75320100822	
SOBRE O ORGANIZADOR	284
ÍNDICE REMISSIVO	285

AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES NA ERA DOS PERFIS DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: DESAFIO FAVORÁVEL OU DESFAVORÁVEL AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO

Data de aceite: 03/08/2020

Ronny Max Machado

<http://lattes.cnpq.br/3526842654606450>

Paulo Victor Alfeo Reis

<http://lattes.cnpq.br/1487200765396130>

RESUMO: O artigo em questão dispõe acerca da premente crise de identidade pós-moderna advinda das profundas e enormes transformações tecnológicas devidas entre outros aspectos à globalização, à celeridade dos meios de comunicação e o conseqüente encurtamento do tempo e espaço que se impõem aos hábitos e modos de vida em sociedade como desafios frente ao Estado Democrático de Direito. O método adotado é o da revisão e discussão crítica bibliográfica e o dialético, especialmente a partir dos discursos dos mais prestigiados pensadores da sociologia, filosofia e direito do Ocidente.

PALAVRAS-CHAVE: Pós modernidade; Sociedade da Informação; Globalização; Identidade; Perfil.

THE MULTIPLE IDENTITIES IN THE AGE OF PROFILES ON THE INFORMATION SOCIETY: FAVORABLE OR UNFAVORABLE CHALLENGE TO THE DEMOCRATIC STATE OF LAW

ABSTRACT: The article in question deals with the pressing crisis of postmodern identity arising from the profound and enormous technological transformations due, among other things, to globalization, the speed of the media and the consequent shortening of time and space imposed on habits and life modes of communication in society contrasted on the so called Democratic State of Law. The method adopted is that of critical and bibliographic review and discussion, especially from the discourses of the most prestigious thinkers of sociology, philosophy and law in the West.

KEYWORDS: Post modernity; Information Society; Globalization; Identity; Profile.

1 | INTRODUÇÃO

É preciso pensar na crise de identidade “pós-moderna”, sendo está decorrência das profundas e enormes transformações tecnológicas devidas entre outros aspectos

ao fenômeno da globalização, a velocidade alcançada pelos meios de comunicação e a conseqüente redução do tempo e espaço que se impõem aos hábitos e modos de vida em sociedade. A partir de uma reflexão sobre a chamada crise de identidade na “pós-modernidade”, a proposta interrelaciona o contexto da Sociedade da Informação, o fenômeno da Globalização e o surgimento da Era dos Perfis como elementos consolidantes da democracia e, conseqüentemente, de um verdadeiro Estado Democrático de Direito.

Em um primeiro momento, surgem duas indagações, que são: Dentro das redes digitais como podemos identificar os indivíduos? Existiria uma multiplicidade aparente de identidades? As questões sobre os impactos da globalização, das novas tecnologias e das redes sociais que surgem na sociedade da informação, são o ponto de partida que viabilizará a compreensão das especificações que envolvem os inúmeros ambientes de relacionamento que são conhecidos na Internet e que terminam por moldar a personalidade, o comportamento e o modo de pensar dos indivíduos, agentes diretos da Democracia e do Direito, estabelecendo, assim, uma crise do reconhecimento de cada um, fruto da nova realidade mundial conseqüente do aprimoramento tecnológico e do processo global, que pode ser compreendido como “uma dinâmica que assimila de maneira durável a sociedade mundial, as diferentes regiões do mundo, as nações e as culturas locais”¹.

2 | A CRISE DE IDENTIDADE NA “PÓS-MODERNIDADE”

Estamos diante de um novo período da História, que podemos compreender como sendo uma nova revolução, mas não ao estilo daquelas que ocorreram na França de 1789 a 1799 ou até mesmo a Russa de 1917 (e demais outras de cunho Socialista/Comunista) sob a ótica Ocidental, por que aqui tratamos de um evento conflitante que não se traduz em uma bipolaridade entre os bons e os maus, porém, que tudo que nos cerca é ilusório, não existindo verdade absoluta nem erros.

Durante o período das revoluções comunistas tinha-se como *slogan* a busca do bem comum, em cujos ideais visavam algo de bem a todos, contrastando enfaticamente que o movimento dito capitalista representava algo mal e egoisticamente dirigido ao bem de poucos, já para a denominada “pós-modernidade”, o ambiente traduz certa inverdade de que não existem dualidades afins, entre o bem e o mal por exemplo, uma vez que não há uma razão de ser das coisas podendo ser dissolvida sem gerar uma ausência para o ser humano.

Em contrapartida, um dos principais objetivos da “pós-modernidade” é focar-se na condição do próprio homem ao invés da sociedade, que apenas sofreria uma mudança a partir das mudanças sentidas ou sofridas pelo homem. A proposta igualitária e fraternal

1 WULF, Christoph. “Globalização universalizante ou diferenciada?”. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (org). **Globalização para quem?** Uma discussão sobre os rumos da globalização. Trad.: Joana Angélica D’Avila Melo, São Paulo: ed. Futura, 2004, p. 233.

que antes existia apenas no ideário socialista/comunista foi suplantada e aperfeiçoada pelo regime capitalista liberal ao embasar seus propósitos nas mudanças da sociedade sem promover alterações no comportamento dos indivíduos.

A “pós-modernidade”, por sua vez, age com vistas a mudar os indivíduos para assim promover conseqüências na ordem social. Uma das primeiras movimentações deste momento histórico consistiu numa revolução cultural que viabilizaria uma possível “tomada de poder”. A partir de concepções onde tudo que estivesse “presente” ao nosso redor fosse relativo, ilusório, desprovido de ideologias e ideais absolutas, a “pós-modernidade” terminar por prestigiar a construção de um padrão de pensar de caráter imediato no ser humano, isto é, voltando-se para o momento atual, com preocupações dirigidas apenas para o presente e não projetadas com o futuro.

Diante desta constatação, é possível pensar na identidade do ser humano com estas característica, entre elas o imediatismo, que colocaria em xeque a identidade do indivíduo sobre inúmeros ângulos. Como nos dizeres de Marco Antônio Barbosa, “a identidade na modernidade tardia, ou pós-modernidade, estaria em crise, segundo a visão de importantes estudiosos das ciências sociais².”

Pensando no homem “pós-moderno” como aquele que busca um aproveitamento máximo da vida, sobretudo em relação ao “momento”, é possível encontrar fundamentos através da teoria de Sigmund Freud que afirma não haver um propósito para a vida, como sustentam as diversas religiões. Diante disso, o que se percebe a partir do indivíduo é que “a psique, na teoria freudiana, é uma estrutura de significado antes de ser uma entidade física. Ela tem a ver com processos simbólicos e, logo, pede interpretações”, conforme explica Marco Antônio Barbosa³. Aqui temos somente finalidades de caráter subjetivo, ou seja, sobre todas as coisas, o aproveitamento dos momentos da vida, experimentando os sentimentos que geram prazer e satisfação e, conseqüentemente, o afastamento de tudo aquilo que provoque um descontentamento.

Marco Antônio Barbosa apresenta, dentro desta abordagem, uma das noções que envolvem a afirmação clássico-freudiana de como concebemos o sujeito dizendo: “(...) ‘penso, logo existo’. E, é por isso que desde então, essa concepção de sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, tem sido conhecida como ‘sujeito cartesiano’⁴.”

Outro aspecto para uma proposta de se pensar a identidade dos indivíduos leva em consideração que, enquanto a modernidade tinha como um de seus fundamentos o ideal de que o trabalho (decorrente primordialmente após o período da chamada “Revolução Industrial”) asseguraria o futuro, e na racionalidade científica, a “pós-modernidade”, por

2 BARBOSA, Marco Antonio. Pós-Modernidade: A Identidade – Real ou Virtual? **Revista Direitos Culturais**, Rio Grande do Sul, v.5: páginas 72-92, 2010, p.75.

3 BARBOSA, Marco Antonio. Pós-Modernidade: A Identidade – Real ou Virtual? **Revista Direitos Culturais**, Rio Grande do Sul, v.5: páginas 72-92, 2010,p.82.

4 Idem, p.77.

seu turno, nega este interesse voltado ao e para o futuro, buscando a sensibilidade ao invés da racionalidade, assim sendo, “a modernidade fez surgir uma decisiva forma de sujeito individualizado.”⁵

A “pós-modernidade” tende a traduzir uma tendência universal, porém, mais do que isso, é fruto de uma visão que se proclama universal ou total. Segundo Pierre Weil, um dos expoentes da gnose e do pacifismo “pós-moderno”, a “abordagem holística tem a finalidade de reagrupar os elementos espalhados ou afastados do todo, ou consertar os efeitos catastróficos dos limites criados por e no espírito dos ‘seres humanos’ para Pierre Weil”. em nome da paz se faz a guerra, em nome da desigualdade combatem os orgulhosos, em nome do amor, criticam os que se mostram insensíveis, ...⁶”.

Alguns exemplos que podem ser apresentados estão nas questões envolvendo os Estados Unidos da América, a Rússia, a Coreia do Norte e demais Estados Soberanos constantemente envolvidos em sensíveis tensões que trazem a tona, mais uma vez, a possibilidade de grandes guerras (inclusive com o uso de armas nucleares), os fatos que decorrem das doenças incuráveis que se proliferam, os eventos catastróficos da natureza que provocam grandes perdas humanas, que somados aos elementos doutrinários advindos da visão antropocêntrica da “pós-modernidade”, formam uma denominada “moral da morte”. Sendo esta moral um fator que induz, cada vez mais, que os indivíduos busquem por viver ao máximo o presente, como se não houvesse um amanhã.

Aliado a este pensamento, Marco Antônio Barbosa sustenta que a modernidade trouxe consigo o surgimento de um decisivo ser ou sujeito totalmente individualizado. Segundo ele, “a identidade passa a ser percebida como formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade.”⁷, desde o Humanismo renascentista do século XVI ao Iluminismo do século XVIII, perpassando pela sociedade pseudo-teocrática europeia à reforma protestante até os “novos movimentos sociais”, grandes transformações ocorreram na cosmovisão do indivíduo, de sua identidade perante a sociedade e do que lhe constitui cultura ou identidade cultural.

Os movimentos de 1968, como o feminismo, contribuíram para a modificação dos ideários da identidade do sujeito: que num primeiro momento, era considerado estável, sólido, autônomo, autossuficiente e agente da história, o chamado sujeito cartesiano e, que, num segundo momento fora desdobrado e deslocado em função de certo papel ativo nas manifestações sociais e culturais frente a sociedade.

A influência desta sociedade em suas próprias manifestações, em função de certo papel passivo do indivíduo, o chamado sujeito sociológico, que, atualmente, passa por um efeito desconstrutivo e descentrado culminando no chamado sujeito “pós-moderno”⁸,

5 Idem, p.76.

6 WEIL, Pierre. **A nova ética**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993.

7 BARBOSA, Marco Antonio. Pós-Modernidade: A Identidade – Real ou Virtual? **Revista Direitos Culturais**, Rio Grande do Sul, v.5: páginas 72-92, 2010, p. 77.

8 “(...) o sujeito do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno.” BARBOSA, Marco Antonio. Pós-Modernidade:

marcado por identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas.

3 | A GLOBALIZAÇÃO, SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A ERA DOS PERFIS;

A globalização é considerada um fenômeno invisível que inter-relaciona as pessoas com o mundo, que gerou pontos em comum na área econômica, social, cultural e política, e que conseqüentemente interligou o Mundo. O fenômeno da globalização com seu dinamismo ao redor da sociedade mundial, de acordo com Christoph Wulf⁹, torna-se notória a partir de cinco elementos diferentes de relevância, que assim expomos:

- (i) a globalização dos mercados com o desaparecimento das barreiras comerciais, o aumento da movimentação dos capitais e o ganho de influência econômica neoliberal;
- (ii) “a globalização das estratégias das empresas e dos mercados, que são estratégias mundiais de produção, de distribuição e de redução de custos por deslocalização”;
- (iii) “a globalização da pesquisa e do desenvolvimento tecnológico, acompanhada pela elaboração de redes mundiais, de novas tecnologias da informação e de comunicação”;
- (iv) a globalização de estruturas políticas transnacionais, perdendo os Estados-nações certa influência, desenvolvendo-se organismos e estruturas internacionais;
- (v) “a globalização de modelos de consumo, estilos de vida e estilos culturais, que conhecem uma tendência à uniformização”.

O autor ao concluir, afirma:

O efeito combinado desses elementos cria um quadro de referência para a compreensão do *Zeitgeist*, para a autocompreensão do homem de nossos dias e, portanto, para as evoluções culturais do presente. O que é característico, aqui, é o isolamento da economia em relação à esfera política, a globalização das formas de vida e o crescimento da importância das imagens no quadro de uma “deturpação icônica”.

Sobre o fenômeno denominado globalização Rômulo de Andrade Moreira sustenta um modo de compreender os relacionamentos que se internacionalizam entre as pessoas ao redor do planeta. De acordo com o autor¹⁰:

A globalização traduz uma idéia de internacionalização nas relações entre os povos, um inter-relacionamento entre os Estados nacionais de modo que identificamos, ao lado destas micro-realidades, uma só região, um só mundo, ou, como dizem muitos, uma verdadeira -aldeia global. Esta única e internacional realidade se reflete inexoravelmente na economia, na política, nos negócios, no direito, etc.

A globalização representa um fator decorrente do sistema capitalista, com base nos pensamentos de caráter neoliberal, aonde as características do mercado internacional e a competitividade do sistema são cada vez mais observados.

Diante deste cenário, os impactos da globalização que em certa medida, aprimoraram

A Identidade – Real ou Virtual? **Revista Direitos Culturais**, Rio Grande do Sul, v.5: páginas 72-92, 2010 , p.85

9 WULF, Christoph. “Globalização universalizante ou diferenciada?”. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (org). **Globalização para quem?** Uma discussão sobre os rumos da globalização. Trad.: Joana Angélica D’Avila Melo, São Paulo: ed. Futura, 2004, p. 233-234.

10 MOREIRA, Rômulo de Andrade. **Globalização e crime**. In: Globalização e direito. Rio de Janeiro: Forense. 2002, p. 268.

e tornaram efetiva as relações de natureza econômica e social entre as pessoas são: o surgimento e abertura de novos mercados de consumo, redução de custos de caráter trabalhistas e diminuição na atuação do Estado como agente regulador das relações sociais de trabalho e consumo.

Muitos se esforçam, por meio de pesquisas, em descrever o fenômeno da globalização, seus impactos e suas facetas. Renato Baumann apresenta algumas dificuldade para definir o processo de globalização, porém é paulatina a capacidade de compreender alguns de seus efeitos. Diz o autor que¹¹:

Em que pesem as dificuldades conceituais, o conhecimento do processo de globalização, suas características e possíveis efeitos torna-se crescentemente necessário, tanto porque esse processo é expansivo por natureza, quanto porque não existem indícios aparentes da sua eventual reversão.

Octavio Ianni reflete sobre a sociedade global, traçando as concepções quantitativas e qualitativas que podem ser percebidas, mas alerta para a carência de interpretações que envolvam a maior parte dos aspectos caracterizadores deste fenômeno¹²:

Ocorre que a sociedade global não é mera extensão quantitativa e qualitativa da sociedade nacional. Ainda que esta continue a ser básica, evidente e indispensável, manifestando-se inclusive no âmbito internacional, é inegável que a sociedade global se constitui como uma realidade original, desconhecida, carente de interpretações.

Renato Baumann comenta sobre o avanço da globalização ao longo do tempo sem apresentar pontos capazes de reduzir seus reflexos nas sociedades ocidentais no tocante as culturas, ideologias e economias. O autor apresenta essa ideia da seguinte maneira¹³:

Uma das peculiaridades que distinguem o processo de globalização de toda experiência anterior é que, como conseqüência de sua forma e intensidade, seus efeitos são mais intensos e se superpõem aos anteriores, além de que – à diferença, por exemplo, da regionalização, em que aspectos políticos ou de outra índole podem levar ao fracasso de um processo – por sua própria natureza, sua tendência é de constante ampliação, afetando, embora de forma variada, a todos os países.

Os eventos inauguradores das novas tecnologias permitiram que se cunhasse a ideia e expressão sociedade da informação. Esta concepção social voltada a relevância da informação surgiu em 1969 com base na criação, nos Estados Unidos da América, da chamada *Arpanet (Advanced Research Projects Agency)*¹⁴.

Nascia neste mesmo período, um modelo sistemático de redes interligadas denominado Internet (*Inter Networking*)¹⁵. Ao final do século XX e início do presente, a internet tornou-se um meio presente na vida das pessoas e seus efeitos são perceptíveis cotidianamente.

11 BAUMANN, Renato (org). **Uma visão econômica da globalização**. In: O Brasil e a economia global. Rio de Janeiro: SOBEET: Campus: 1996. p. 37.

12 IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.p. 190.

13 BAUMANN, Renato (org). **Uma visão econômica da globalização**. In: O Brasil e a economia global. Rio de Janeiro: SOBEET: Campus: 1996. p. 37 - 38.

14 PAESANI, Liliana Minardi. **Direito e Internet: liberdade de informação, privacidade e responsabilidade civil**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2013, p. 10.

15 Idem.

A Sociedade da Informação possui muitas concepções, sendo as que mais se destacam como aquelas que enfatizam a relevância da informação e o papel das tecnologias na Sociedade em que se inserem. Tadao Takahashi apresenta algumas concepções acerca deste fenômeno da seguinte forma¹⁶:

A sociedade da informação não é um modismo. Representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico. É um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura de informações disponível. É também acentuada sua dimensão político-econômica, decorrente da contribuição da infra-estrutura de informações para que as regiões sejam mais ou menos atraentes em relação aos negócios e empreendimentos. Sua importância assemelha-se à de uma boa estrada de rodagem para o sucesso econômico das localidades. Tem ainda marcante dimensão social, em virtude do seu elevado potencial de promover a integração, ao reduzir as distâncias entre pessoas e aumentar o seu nível de informação.

Diante disto, a expressão sociedade da informação passou a ser popularizada durante a década de 1980, período em que as primeiras manifestações que objetivavam a implementação desta concepção por meio de ações que tiveram seus expoentes atuantes perante Centro Europeu de Investigação Nuclear, que viabilizaram a inclusão digital e integração dos seres humanos através da internet.

No Brasil, o pensamento voltado à sociedade da informação teve como evento propulsor, através do Ministério da Ciência e Tecnologia no ano de 1997, a confecção e elaboração do denominado Livro Verde da Sociedade da Informação, que tem por diretrizes principais a implantação e facilitação de acesso à interação por meio eletrônico, dentre outras.

Além disso, o sentido da expressão sociedade da informação, de acordo com Tadao Takahashi, traz em seu cerne a possibilidade de seu estudo sob várias perspectivas. Esclarece o autor que¹⁷:

O conceito de Sociedade da Informação surgiu nos trabalhos de Alain Touraine (1969) e Daniel Bell (1973) sobre as influências dos avanços tecnológicos nas relações de poder, identificando a informação como ponto central da sociedade contemporânea. A definição de Sociedade da Informação deve ser considerada tomando diferentes perspectivas.

Mesmo tendo um conteúdo sociológico, a expressão “sociedade da informação” tem seus reflexos na seara do direito e, por conseguinte, na vida dos indivíduos. A globalização, a sociedade da informação e o direito se conectam em inúmeros pontos que podem ser amplamente analisados. Entre estes, pode-se mencionar o surgimento das tecnologias, as práticas transmissoras de informação e o consumo que serviram para análise do presente tema.

Assim sendo, traz-se passagem da obra de Boaventura Souza Santos que traduz a

16 TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Org. Tadao Takahashi. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000, p. 31.

17 TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Org. Tadao Takahashi. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000, p. 31.

ideia apresentada a respeito da conexão destes pontos da seguinte forma¹⁸:

Trata-se de um processo complexo que atravessa as mais diversas áreas da vida social, da globalização dos sistemas produtivos e financeiros à revolução nas tecnologias e práticas de informação e comunicação, da erosão do Estado nacional e redescoberta da sociedade civil ao aumento exponencial das desigualdades sociais, das grandes movimentações transfronteiriças de pessoas como emigrantes, turistas ou refugiados, ao protagonismo das empresas multinacionais e das instituições financeiras multilaterais, das novas práticas culturais e identitárias aos estilos de consumo globalizado.

Em razão disto, por meio do desenvolvimento das estruturas tecnológicas, cada vez mais se aprimoraram os meios de informação e comunicação, com destaque para a telefonia móvel, inclusive com uso da internet, com fortes impactos no desenvolvimento tecnológico, conforme é ressaltado por Cooper, Green Murtagh e Harper¹⁹:

(...) quando pensamos no impacto empírico do fenômeno dos celulares/aparelhos móveis na vida cotidiana, nós descobrimos que a sociologia e a filosofia contém termos que parecem apropriados, mas que têm ou tiveram algumas conotações diferentes: por exemplo, mobilidade social, a problematização da distinção entre público/privado, a transformação estrutural da esfera pública, a metafísica da presença, o fonocentrismo, e, claro, a mobilidade imutável.

A sociedade contemporânea atravessa uma verdadeira revolução digital em que são dissolvidas as fronteiras entre telecomunicações, meios de comunicação de massas e informática. Esse novo ciclo histórico de Sociedade da Informação, cuja principal marca é o surgimento de complexas redes profissionais e tecnológicas voltadas à produção e ao uso da informação, que alcançam ainda sua distribuição através do mercado, bem como as formas de utilização desse bem que gera conhecimento e riqueza. Irineu Francisco Barreto Junior, neste mesmo sentido das mudanças comportamentais das pessoas em razão do avanço das tecnologias, trata do “informacionalismo” e do valor econômico da informação que demonstra um dos aspectos de alteração da vida dos indivíduos.

O advento do Informacionalismo é, indubitavelmente, a principal marca econômica da sociedade em rede. Reorganiza a produção de riqueza no sistema econômico, no qual há uma gradativa valorização da informação como mercadoria e fator de geração de valor econômico, o que torna a National Association of Securities Dealers Automated Quotations (Nasdaq), bolsa de valores das empresas tecnológicas, tão estratégica, em termos de organização econômica, quanto a tradicional New York Stock Exchange, denominada bolsa de Wall Street. As megacorporações informativas (Google, Facebook e Yahoo, entre outras) acumulam vestígios de informações sobre os usuários da Internet, tais como seus padrões de navegação, compras realizadas on-line, preferências culturais, religiosas e ideológicas, websites de interesse, verbetes e expressões pesquisadas nos websites de busca, entre outras, “impressões digitais eletrônicas” que servem para estabelecer uma categorização minuciosa de cada usuário na rede. (...). Circunscreve-se no fato de que há inúmeros usos para esses perfis eletrônicos, tal como direcionamento de publicidade on-line, oferta de mercadorias relacionadas ao perfil do consumidor, além de montar

18 SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2011. p.12

19 Tradução livre de: When we think about the empirical phenomena of mobile phone/device use in everyday life, we find that sociology and philosophy contain a number of terms which seem apt, but have or have had somewhat different referents: for example, social mobility, the problematizing of the public/private distinction, the structural transformation of the public sphere, the metaphysics of presence, phonocentrism, and, of course, the immutable mobile. COOPER, G., GREEN, N., MURTAGH, G.M., HARPER, R., **Mobile Society? Technology, distance, and presence.**, in WOOLGAR, S., *Virtual Society*. Oxford, Oxford Press, 2002, p. 288

O entendimento no sentido de que as ciências sociais, incluídas o Direito, devem compreender que o conceito de sociedade, bem como o de cultura, linguagem e identidade estão perdendo sua força linear e unificadora frente à constatação de que a aproximação dos agrupamentos humanos, que tem sido promovidas pela sociedade da informação, e evidencia que o que nos agrupa não são unidades ou sistemas bem delimitados de igualdades metafóricas mas as diferenças que tem atravessado fronteiras nacionais integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, que terminam por evidenciar que nenhuma “sociedade”, “cultura” ou “identidade” é substancialmente única, gênica ou essencial.

4 | A INTERNET E A IDENTIDADE DOS INDIVÍDUOS: UMA MULTIPLICIDADE LATENTE OU APARENTE

Como demonstrado, a internet é uma celebração do potencial radical da interatividade como desdobramentos da identidade. Mas esta interatividade não só ocorre entre indivíduos, mas entre a técnica e a cultura no corpo social, o que pode trazer certa ideia de pioneirismo da internet, ou de que esta interação tenha se dado, ou iniciado, com o advento dela (em seu maior expoente nas redes sociais). Ocorre que isto é grandemente questionado, pois neste sentido²¹:

O primeiro pintor de cavernas era artista ou engenheiro? Era ambas as coisas, é claro, como o foram, em sua maior parte, os artistas e os engenheiros desde então. Mas temos o hábito — cultivado por muito tempo — de imaginá-los como separados, os dois grandes afluentes correndo incessantemente para o mar da modernidade e dividindo, em seu curso, o mundo em dois campos: os que habitam nas margens da tecnologia e os que habitam nas margens da cultura. (...) Qualquer analista profissional de tendências nos dirá que os mundos da tecnologia e da cultura estão colidindo. Mas o que surpreende não é a própria colisão — é o fato de ela ser considerada novidade. Poderíamos pensar que a vida de Leonardo da Vinci ou de Thomas Edison seriam suficientes para nos convencer de que a mente criativa e a mente técnica coabitam de longa data. (...) O mundo digital pode estar conectado a uma rede, ser inicializado e ter placa de som, mas é surdo para a história.

Prossegue o autor, ainda, frisando que²²:

Hoje é a velocidade instantânea da informação elétrica que, pela primeira vez, permite o fácil reconhecimento dos padrões e contornos formais da mudança e do desenvolvimento. O mundo inteiro, passado e presente, revela-se agora a nós mesmos do mesmo modo que percebemos uma planta crescendo graças a um filme enormemente acelerado. (...) A explosão de tipos de meios de comunicação no século XX nos permite, pela primeira vez, apreender a relação entre a forma e o conteúdo, entre o meio e a mensagem, entre

20 BARRETO JUNIOR, Irineu Francisco. Proteção da Privacidade e de Dados Pessoais na Internet: O Marco Civil da rede examinado com fundamento nas teorias de Zygmunt Bauman e Manuel Castells. In: DE LUCCA, Newton; SIMÃO FILHO; Adalberto; DE LIMA; Cintia Rosa Pereira. (Org.). **Direito & Internet III: Marco Civil da Internet**. São Paulo: Quartier Latin, 2015, v. 2, p. 100-127 p. 410.

21 JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 13-14.

22 Idem, p. 15, 16 e 18.

a engenharia e a arte. Um mundo governado exclusivamente por um único meio de comunicação é um mundo governado por si mesmo. Não se pode avaliar a influência de uma mídia quando não se tem com que compará-la, (...). Chegamos a um ponto em que os vários meios de comunicação evoluem tão rapidamente que os inventores e os profissionais se amalgamaram numa unidade holística, como um laboratório de ciência que abrigasse um seminário sobre escrita criativa.

E é neste acelerado filme em que nos encontramos, que o desenvolvimento de uma tecnologia de interface, restrita ao mundo dos computadores extrapolou os circuitos e seus cálculos binários para a esfera social e de interatividade entre os indivíduos. O autor, assim, discorre que²³:

Graças às generosas verbas de publicidade da Microsoft, a “janela” (window) é hoje a abreviatura da ampla série de inovações que compõem a interface contemporânea. Nem seta do mouse, nem metáfora do desktop, nem barra de menu — a história da interface se divide agora nitidamente em duas épocas: pré-janelas e pós-janelas. (...) As janelas são elementos mais fluidos, mais portáteis. Podemos arrastá-las pela tela, alterar seu tamanho com um só clique do mouse. São projetadas para ser maleáveis, mutáveis. A maioria dos usuários de computador está constantemente mexendo nas suas janelas, aumentando-as ou diminuindo-as, empurrando-as para as periferias do desktop ou pondo-as em foco. (...) A janela se revelou um meio de visualizar o que os programadores chamam de alternância de modo. (...) Essa transição de modos para janelas representou um avanço espetacular na facilidade de uso — tão espetacular, de fato, que agora é difícil imaginar um mundo digital sem janelas.

Concomitantemente com o surgimento da internet, o paradigma das janelas se estabeleceu não só nas tecnologias computacionais mas também nas formas de interação entre indivíduos. Aparentemente, a alta customização e facilidade de uso das janelas foi transpassada para as inter-relações humanas, pois neste sentido, Sherry Turkle defende que²⁴:

A vida real é só mais uma janela e normalmente não é a que mais me agrada (...) as janelas tornaram-se uma poderosa metáfora para pensar no eu como um sistema múltiplo e fragmentado. O eu já não se limita a desempenhar diferentes papéis em cenários e momentos diferentes (...). A prática vivida nas janelas é a dum eu descentrado que existe em muitos mundos e desempenha muitos papéis ao mesmo tempo.

Desta forma, as redes sociais, com maior influência, potencializaram a criação de novas “janelas relacionais”, pois há redes sociais que difundem currículos e *status* profissionais, como o *Linked In*, há redes que promovem encontros românticos ou casuais, tais como o *Tinder* e *Badoo*, há redes sociais para compartilhar fotos, vídeos e fatos do cotidiano, como o *Facebook*, *Instagram*, *Snapchat*, *Youtube* e *Vimeo*, há redes para conversação instantânea, como o *Messenger*, *Telegram*, *Whatsapp*, e tantas outras que apresentam e expõe o eu dos indivíduos ditando verdadeiros perfis ou comportamentos, antes desenvolvidos em espaços físicos “destinados” à interação entre indivíduos. A autora, neste sentido, entende que²⁵:

O advento desse discurso utópico em torno da descentralização coincidiu com a crescente fragmentação da sociedade em que vivemos. Muitas das instituições que

23 Idem, p. 76, 77, 80 e 81

24 TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da internet**. Lisboa: Relógio D’água, 1997, p. 18

25 TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da internet**. Lisboa: Relógio D’água, 1997, p. 262

costumavam reunir as pessoas – a rua principal duma localidade, a sede dum sindicato, uma associação de munícipes – já não cumprem a função de outrora. Muitas pessoas passam a maior parte do dia sozinhas, diante do ecrã duma televisão ou dum computador. Ao mesmo tempo, como seres sociais que somos, estamos a tentar (nas palavras de McLuhan) retribalizar-nos. E, nesse processo, o computador desempenha um papel central²⁶

Com isto, ao falarmos do eu, uma das notórias contribuições de Sigmund Freud às ciências sociais e a comunicação foi ter proposto uma visão radicalmente descentralizada do eu, mas tal mensagem fora várias vezes deturpada por alguns de seus apoiadores, que insistiram em atribuir ao ego uma autoridade executiva suprema no governo do eu. Contudo, estas tendências de se re-centralizar o eu foram, por sua vez, questionadas paulatinamente por membros do próprio movimento psicanalítico.

As ideias de Carl Gustav Jung sublinharam que o eu é o lugar de convergência de diversos padrões ou arquétipos. A teoria das relações objetais da personalidade, com maior presença em William Ronald Dodds Fairbairn ao privilegiar as considerações sobre a qualidade das relações de objeto e da dependência dos objetos, referiu o modo como as coisas e as pessoas que habitam o mundo real vêm viver dentro de nós²⁷.

Mais recentemente, os pensadores pós-estruturalistas tentaram descentrar o ego de forma ainda mais radical. Na obra de Jacques-Marie Émile Lacan, por exemplo, os complexos encadeamentos ou conjuntos de associações que constituem o significado para cada indivíduo não conduzem a qualquer lugar final, nuclear ou central. Com isto, numa tentativa de regressar ao ideário de Freud, Lacan difundiu a ideia de que o ego nada mais é do que uma ilusão, neste sentido²⁸:

(Lacan) estabelece a ponte entre a psicanálise e a tentativa pós-moderna de retratar o eu como um domínio discursivo, e não uma coisa real ou uma estrutura permanente da mente humana. (...) Na sua realidade virtual, moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos. (...) Será a expressão de uma crise de identidade, do tipo que associamos tradicionalmente à adolescência? Ou estamos a assistir à lenta emergência dum novo estilo de pensamento, de natureza múltipla, acerca da mente?

Com estes questionamentos podemos perceber momentos críticos que a tecnologia traz a toda e qualquer ciência posta, na medida em que qualquer generalização ou tentativa de agrupamento se mostra incoerente com a realidade e contrária à boa ciência, o que nas palavras de Marco Antônio Barbosa²⁹, podemos perceber que:

(...), talvez o que seja mais curioso nessa discussão a respeito da crise da identidade é que a despeito de sua distância tanto no tempo quanto no espaço e de seus conteúdos culturais profundamente heterogêneos, nenhuma sociedade, seja ela qual for, não parece ter de fato como adquirida uma identidade substancial: elas dividem a identidade em uma multiplicidade de elementos que, para cada cultura de formas diferentes, a síntese sempre se mostra problemática.

26 Idem, p. 262.

27 CELES, Luiz Augusto M.; SANTOS, Ana Caroline Galli dos; ALVES, Karen Cristina Martins. Teoria das relações de objeto em Freud e Fairbairn. *Revista Mal-Estar e Subjetividades*, Fortaleza, v.6, n.2, 2006.

28 TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio D'água, 1997, p. 263, 265 e 266.

29 BARBOSA, Marco Antonio. Pós-Modernidade: A Identidade – Real ou Virtual? *Revista Direitos Culturais*, Rio Grande do Sul, v.5: páginas 72-92, 2010, p. 90.

E, aqui, encontra-se possível gênese da multiplicidade dos indivíduos, para cada cultura há um momento histórico que traz consigo parâmetros próprios de significação aos indivíduos que compõem tal cultura, o que neste sentido, frisa Sherry Turkle³⁰:

Cada era constrói as suas próprias metáforas, tendo em vista o bem-estar psicológico do indivíduo. Há não muito tempo, a estabilidade era socialmente valorizada e culturalmente reforçada. Papeis rígidos atribuídos a cada um dos sexos, trabalho repetitivo, o desejo de ter o mesmo tipo de emprego ou permanecer na mesma cidade ao longo de toda a vida, tudo isto fazia da consistência um elemento central nas definições de saúde. No entanto, estes mundos sociais estáveis entraram em colapso. Nos nossos dias, a saúde é descrita em termos de fluidez, mais do que estabilidade. O que conta é a capacidade de mudar e adaptar-se – a novos empregos, novas perspectivas de carreira, novos papeis atribuídos a cada um dos sexos, novas tecnologias. (...) Embora no início as pessoas possam se sentir angustiadas ante aquilo que entendem como um colapso da identidade, Gergen acredita que elas poderão vir a abraçar as novas possibilidades que se lhes oferecem. As noções individuais de eu desaparecem, dando lugar ao “primado das relações”. Deixamos de acreditar num eu independente da teia de relações na qual estamos mergulhados.

O desenvolvimento da democracia e do Estado Democrático de Direito, depende diretamente deste “primado das relações” e de uma visão individual inserida na teia de relações dependentes e independentes do meio social em que estamos inseridos, o qual seja a vida em sociedade e em sociedade da informação, cujas relações são exponencialmente expandidas pela internet e as redes sociais baseadas nas trocas de informação e dados decorrentes. E, aqui, devemos distinguir se esta multiplicidade é aparente ou latente. Discorre Sherry Turkle sobre a matéria dizendo que “a profusão de manifestações de multiplicidade na nossa cultura, incluindo a adoção de personalidades online, está a contribuir para uma revisão generalizada das noções unitárias, tradicionais, de identidade³¹”. O que por si só, não constitui desafio desfavorável ao Estado Democrático de Direito. Isto é, utilizando-se da analogia de uma luta de artes marciais, o desafiante vencido constitui a transposição de um obstáculo para o crescimento de igual forma como o desafiante não vencido, que propicia maior reflexão e crescimento, se não mais, consistente e analisado. Isto porque, como diz a autora³²:

Hoje em dia, todos nós sonhamos sonhos de cyborgs (...), para Gibson, o jogador de vídeo-game já se fundiu com o computador. O jogador de vídeo-game já é um cyborg, ideia que Gibson incorporou numa mitologia pós-moderna. Ao longo da última década, tais mitologias têm vindo a reformular a nossa percepção da identidade coletiva (...). E, contudo, a noção de realidade contra-ataca. Os indivíduos que vivem vidas paralelas no ecrã não deixam por isso de estar limitados pelos seus desejos, pela dor e pela mortalidade de sua pessoa física.

A escolha por defender a multiplicidade frente ao individualismo e a coletividade frente ao egoísmo, quer seja virtual ou real, no pluralismo, prestigia a diversidade (inclusive a de identidades) e dita premente paradigma ético-moral para desenvolvimento de uma sociedade democrática, neste sentido e com uma advertência, Sherry Turkle diz³³:

30 TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da internet**. Lisboa: Relógio D'água, 1997, p. 381, 384 e 385.

31 TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da internet**. Lisboa: Relógio D'água, 1997, p. 389.

32 Idem, p. 395, 396 e 400.

33 Idem, p. 401.

A adoção de pontos de vista múltiplos suscita um novo discurso moral. Eu tenho afirmado que a cultura da simulação pode ajudar-nos a alcançar uma visão duma identidade múltipla mas integrada, cuja flexibilidade, elasticidade e capacidade de alegrar-se advém do fato de ter acesso às muitas personalidades que nos constituem. Todavia, se entretanto nos tivermos divorciado da realidade, ficaremos claramente a perder.

Nesta senda e, para não divorciar-se da realidade, é necessário discorrer a respeito do que se entende por Democrático dentro de um Estado de Direito. Segundo Pierre de Rosanvallon³⁴, o vocabulário político utilizado para compreensão, ou conceituação, da democracia, perdurou inalteradamente até a década de 1980 centrada em questões tais como a representação, as eleições, as instituições e a burocracia de seu funcionamento, ou seja, fixando-se na forma da democracia implantada, seu atores e conseqüências institucionais.

Portanto, na opinião do autor supracitado, pouquíssimas inovações teóricas foram propostas para aprofundamento da conceituação e compreensão dos princípios basilares do que é democrático, isto é, seus valores iniciais nas interações entre conceitos e acontecimentos, teoria e marcos históricos. Compreender o *modus operandi* de como a democracia é experimentada e vivenciada em nossos agrupamentos sociais e sistemas políticos, num contexto de mudanças econômicas, comportamentais, sociais, políticas e culturais da sociedade “pós-moderna”, é o caminho para sua efetivação, legitimidade e desenvolvimento. Assim como a identidade, aliando-se aos pensamentos de Mariah Cassete³⁵, a democracia não é um modelo político estanque, imutável, impassível ou impossível de alteração ao longo do tempo, pelo contrário, a democracia se mostra como um tipo de regime político que incessantemente resiste às sínteses, generalizações ou demarcações definitivas.

Para tanto, um agrupamento social só não cairá no despotismo da maioria e na usurpação das minorias se sua democracia depender da pluralidade de ideias advinda da multiplicidade de indivíduos, dos quais todo governo ou liderança recebe sua legitimidade, neste sentido³⁶:

A história do ocidente, desde o tempo da fragmentação da Europa em Estados soberanos, mostra-nos um avanço quase ininterrupto do crescimento do poder governamental. O único jeito de falhar em ver isto consiste em prestar atenção à forma que o poder toma: uma visão de pura fantasia então se forma, na qual monarcas aparecem como senhores cujos desígnios não encontram limites, os quais serão sucedidos por governos representativos cujos recursos são proporcionais à sua autoridade, até que no final

34 ROSANVALLON, Pierre. **La légitimité démocratique: Impartialité, reflexivité, proximité**. Seuil: Les Livres du Nouveau Monde, 2008, p. 4-5.

35 CASSÊTE, Mariah. **Democracia como Pluralidade: Três Interpretações Conceituais**. In *Anais III Fórum Brasileiro de Pós-Graduação em Ciência Política – UFPR*, Curitiba, 2013, p. 2.

36 Tradução livre de “The history of the West, from the time of Europe’s fragmentation into sovereign states, shows us an almost uninterrupted advance in the growth of governmental Power. The only way of failing to see it is to fix exclusive attention on the forms which Power takes: a picture of pure fantasy is then formed, in which monarchs appear as masters to whose exactions there are no bounds, to be succeeded by representative governments whose resources are proportionate to their authority, until in the end democracy succeeds and receives from a consenting people only what it chooses to give to a Power which is its servant.” em JOUVENEL, Bertrand de. *On power. Its nature and the history of its growth*. Boston: Beacon Press, 1962, p.127.

sobrevenha e triunfe a democracia, que recebe da população em consenso somente aquilo que ela escolhe dar a um Poder que é seu servo.

E como servo da população, o Poder deve se submeter às potencialidades dos indivíduos e suas multiplicidades e diversidades, ditando assim o real desenvolvimento do Estado Democrático de Direito, pois segundo Francisco Fonseca³⁷, a pluralidade de ideias decorrente da liberdade de expressão inerente a qualquer indivíduo constitui pressuposto da democracia, pois “tanto a teoria política acerca da democracia quanto a dinâmica dos regimes democráticos têm como pressuposto ser a ‘liberdade de expressão’ um elemento crucial à ideia democrática – cujos desdobramentos são a pluralidade de opiniões e a responsabilização de sua emissão”. Com isto, devemos atentar ao alerta de Sherry Turkle³⁸:

Alguns de nós sentem-se tentados a encarar a vida no ciberespaço como algo de insignificante, uma fuga à realidade ou uma diversão sem grandes implicações. Estão enganados. As nossas experiências no reino do virtual são uma coisa séria. Subestimá-las é correr sérios riscos. Devemos compreender a dinâmica das experiências virtuais para antever quem poderá estar em perigo, bem como para utilizar essas experiências de forma mais útil.

Pois, maior utilidade não há a não ser à consolidação de um verdadeiro Estado Democrático de Direito, que no pluralismo, prestigie a diversidade (inclusive a de identidades) quer seja ela desenvolvida *online* ou *offline*, buscando a igualdade, liberdade e fraternidade ao entender que o ser humano e todos os desdobramentos de seu conhecimento devem convergir à conclusão de que estamos em constante e instável desenvolvimento e que é impossível sintetizar a multiplicidade (latente ou aparente) de elementos que constituem nosso ideário de “sociedade”, “cultura” e “identidade”, em coisas estanques e fixas, mas que o equilibrado e solidário caminho seria o da coexistência dos diversos entendimentos e desdobramentos de cultura, sociedade e identidade.

5 | CONCLUSÃO

Conclui-se que a passagem do sujeito cartesiano para o sujeito sociológico, encontrou seu ápice na sociedade “pós-moderna” e no desenvolvimento dos perfis digitais e de sua multiplicidade de identidades. Isto é, o sujeito agente da história, coeso, plano, universal e genérico abriu espaço para o desenvolvimento do sujeito disforme, desconstrutivo, descentrado, altamente influenciado pelo consumo e pela sociedade da informação, fruto da globalização e das economias de mercado, como nos disse Marco Antônio Barbosa. As identidade e os perfis digitais na concepção “pós-moderna” evidenciam portanto a prevalência do sujeito individualizado sobre os demais na rede, mas diretamente moldado, feito folha no vento, pelos ditames do agrupamento social em que esteja inserido.

37 FONSECA, Francisco C. P. **Mídia e Democracia: Falsas Confluências**. Disponível em http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/fonseca_-_midia_e_democracia_falsas_confluencias.pdf, acesso em 09 de setembro de 2017.

38 TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da internet**. Lisboa: Relógio D'água, 1997, p. 402.

Isto porque, o mundo dito tecnológico ou imaterial da sociedade da informação, é vivido e realizado por aqueles indivíduos que vivem no mundo físico e palpável. As transformações vividas tanto no mundo *online* como no mundo *offline* produzem conseqüentes comportamentais e culturais em sociedade. A interface das janelas, customizáveis, arrastáveis e passíveis de aumento ou redução evidenciam a vontade e desdobramento da identidade como algo também maleável e vívido na vida em sociedade, como vimos em Sherry Turkle e Steven Johnson, que é desenvolvida em inúmeras plataformas. O sujeito se mostra mais sério e comedido nas redes sociais que compartilham currículos e vagas profissionais, da mesma forma como se mostra mais despojado e sem máscaras nas redes sociais que dividem fotos, vídeos e pensamentos do cotidiano.

O que paradoxalmente encontra abrigo na consolidação de um verdadeiro Estado Democrático de Direito, uma vez que possibilita a pluralidade de ideias e indivíduos, pressuposto de existência de uma democracia viva e mutável, acompanhante, como deve ser, das mudanças sociais e culturais da sociedade que rege e de quem legitima seu poder, como nos disse Rosanvallon e Francisco Fonseca. Mas tal correlação não é de toda automática, cada indivíduo e agrupamento social deve ter em mente que o ser humano e todos os desdobramentos de seu conhecimento devem convergir à conclusão de que estamos em constante e instável desenvolvimento e que é impossível sintetizar a multiplicidade de elementos que constituem nosso ideário de “sociedade”, “cultura” e “identidade”, em coisas estanques e fixas.

A resposta para o questionamento de que as múltiplas identidades e perfis digitais são um desafio favorável ou desfavorável para o Estado Democrático de Direito não pode ser de igual modo estanque ou dogmática. Seja qual for a opção, pelo olhar favorável ou desfavorável, a conseqüência comum será o desenvolvimento e crescimento de um agrupamento social mais igualitário e fraterno, como na analogia das artes marciais já citada, o desafiante vencido constitui a transposição de um obstáculo para o crescimento de igual forma como o desafiante não vencido, que propicia maior reflexão e crescimento, se não mais, consistente e analisado para o treino presente e para futuras vitórias.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marco Antonio. Pós-Modernidade: A Identidade – Real ou Virtual? **Revista Direitos Culturais**, Rio Grande do Sul, v.5: páginas 72-92, 2010.

BARRETO JUNIOR, Irineu Francisco. Proteção da Privacidade e de Dados Pessoais na Internet: O Marco Civil da rede examinado com fundamento nas teorias de Zygmunt Bauman e Manuel Castells. In: DE LUCCA, Newton; SIMÃO FILHO; Adalberto; DE LIMA; Cintia Rosa Pereira. (Org.). **Direito & Internet III: Marco Civil da Internet**. São Paulo: Quartier Latin, 2015, v. 2, p. 100-127.

BAUMANN, Renato (org). **Uma visão econômica da globalização**. In: O Brasil e a economia global. Rio de Janeiro: SOBEET: Campus: 1996.

CASSÉTE, Mariah. **Democracia como Pluralidade: Três Interpretações Conceituais**. In *Anais III Fórum Brasileiro de Pós-Graduação em Ciência Política – UFPR*, Curitiba, 2013.

CELES, Luiz Augusto M.; SANTOS, Ana Caroline Galli dos; ALVES, Karen Cristina Martins. Teoria das relações de objeto em Freud e Fairbairn. **Revista Mal-Estar e Subjetividades**, Fortaleza, v.6, n.2, 2006.

COOPER, G., GREEN, N., MURTAGH, G.M., HARPER, R., **Mobile Society? Technology, distance, and presence.**, in WOOLGAR, S., *Virtual Society*. Oxford, Oxford Press, 2002.

FONSECA, Francisco C. P. **Mídia e Democracia: Falsas Confluências**. Disponível em http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/fonseca_-_midia_e_democracia_falsas_confluencias.pdf, acesso em 09 de setembro de 2017.

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

JOUVENEL, Bertrand de. *On power. Its nature and the history of its growth*. Boston: Beacon Press, 1962.

MOREIRA, Rômulo de Andrade. **Globalização e crime**. In: *Globalização e direito*. Rio de Janeiro: Forense. 2002.

PAESANI, Liliana Minardi. **Direito e Internet: liberdade de informação, privacidade e responsabilidade civil**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.

ROSANVALLON, Pierre. **La légitimité démocratique: Impartialité, réflexivité, proximité**. Seuil: Les Livres du Nouveau Monde, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2011.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Org. Tadao Takahashi. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da internet**. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

WULF, Christoph. "Globalização universalizante ou diferenciada?". In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (org). **Globalização para quem?** Uma discussão sobre os rumos da globalização. Trad.: Joana Angélica D'Avila Melo, São Paulo: ed. Futura, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração pública 18, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215

Ambiente de trabalho 17, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 28, 76, 88, 95, 96, 98, 103

Âmbito escolar 180, 181

Animais 100, 172, 176, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255

Arbitragem 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Assédio moral 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 28, 40, 41, 74, 76

Assédio sexual 18, 23, 24, 40

B

Brasil 5, 6, 3, 4, 15, 25, 26, 34, 35, 39, 40, 41, 46, 58, 60, 61, 62, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 99, 105, 107, 108, 127, 128, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 155, 156, 160, 164, 165, 166, 175, 178, 181, 186, 188, 190, 191, 193, 194, 198, 200, 201, 209, 210, 211, 212, 214, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 242, 244, 245, 246, 247, 253, 255, 261, 283, 284

Bullying 18, 27, 31, 39, 40, 180, 181, 182, 183, 184, 185

C

Centrais sindicais 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93

Ciberbullying 180

D

Democracia 72, 80, 85, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 133, 134, 135, 136, 137, 186, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 198, 204, 206, 267

Direito 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 24, 25, 26, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 79, 80, 85, 87, 89, 92, 93, 95, 96, 99, 103, 104, 106, 107, 113, 115, 118, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 187, 190, 192, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 219, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 281, 282, 283, 284

Direito internacional público 256, 257, 259, 260, 261

Direitos humanos 13, 60, 61, 62, 68, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 117, 188, 203, 257, 258, 262, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 282, 283, 284

E

Espanha 164

I

Informação 55, 56, 61, 63, 65, 67, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 145, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 160, 164, 165, 166, 168, 181, 206, 215

Internet 33, 55, 56, 64, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 177, 178, 181, 183, 185

J

Justiça do trabalho 4, 8, 9, 11, 14, 15, 20, 42, 44, 49, 53, 55, 56, 68, 76, 92, 94, 95, 96, 100, 106, 108

Justiça gratuita 1, 2, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

K

Kant 249, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283

M

Movimento 72, 83, 85, 92, 93, 123, 132, 192, 232, 233, 238, 239, 243, 253, 262, 263

Mulher transexual 69

N

Não humanos 170, 172, 173, 176, 232, 233, 234, 238, 240, 241, 247, 249, 250, 251, 253, 254, 255

P

Paz perpétua 275, 276, 277, 278, 280, 283

Processo do trabalho 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 15, 16, 53, 59

Proteção de dados 121, 150, 155, 156, 157, 158, 159, 164, 166

S

Saber 175, 182, 196, 197, 208, 213, 222, 265, 268, 269, 272, 278

Senciência 249, 250, 251, 254, 255

Sociedade contemporânea 60, 128, 129, 153

Sujeito de direitos 235, 253

T

Tecnologia 3, 4, 5, 7, 35, 64, 67, 110, 112, 113, 119, 120, 128, 130, 131, 132, 137, 146, 148, 151, 152, 153, 158, 163, 164, 165, 166, 168

Teletrabalho 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Transformação 112, 114, 129, 154, 164, 167, 168, 174, 270




***Direito em Movimento:
Saberes Transformadores da
Sociedade Contemporânea***

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020




***Direito em Movimento:
Saberes Transformadores da
Sociedade Contemporânea***

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020